

Apresentação

O GPAL faz 15 anos de existência. Isso é motivo de comemoração. Comemoração porque, nestes 15 anos, os que fazem o GPAL vêm traçando uma trajetória importante, desde os tempos idos nos quais alguns de seus membros vinham fazer sua formação psicanalítica aqui em Recife, no Círculo Psicanalítico de Pernambuco (CPP) e até hoje mantêm um intercâmbio tanto com o Círculo como com o Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL). Aqui fizeram amigos que se mantêm ainda hoje. E não só amigos, mas interlocutores.

Na comemoração dos 15 anos lançam um novo número da TÓPICA, revista que vem sendo o lugar onde deságuam suas produções. E todos que fazemos parte de uma instituição sabemos o quanto custa manter vivo este espaço. Sabemos o quanto de investimento é necessário para que mantenhamos vivo o espaço de formação e produção. Porque nossa posição de analista é algo que tem que ser afirmado continuamente, uma posição que só no intercâmbio com nossos pares se mantém viva. Isso porque a nossa prática clínica, prática que se dá num espaço privado, exige que estejamos sempre disponíveis, imaginativamente, que nos mantenhamos num trabalho constante de elaboração do vivido. Para que façamos deste espaço privado, no qual duas singularidades se encontram e se confrontam continuamente com o estranho que nos habita, com o inusitado que nos surpreende, num trabalho constante de reconstrução, é necessário que nos mantenhamos com o espírito num campo de fora, em contato com o mundo, suas produções culturais e filosóficas.

A produção escrita tem uma função primordial na nossa formação, pois, como diz Riecken¹, a escrita é o efeito da experiência do inconsciente. Escrever, em psicanálise é uma forma de apropriação de um saber, dos desdobramentos que a prática psicanalítica faz brotar em nós. E foi assim que Freud, na sua escrita a *Fliess*, faz a elaboração dos efeitos que as suas descobertas vão nele produzindo, possibilidade única de avançar na sua construção. Freud não era indiferente ao que criava. Não tomava a escrita como um objeto exterior, mas, era através da escrita que podia dar conta dos seus pontos cegos, vencendo resistências, não só através da elaboração das conseqüências do que estas descobertas produziam sobre si mesmo, mas dos pontos cegos na própria teoria.

Podemos pensar a escrita como fato propiciador de subjetivação. Escrever, principalmente escrever a clínica, não é simplesmente relatar uma experiência. Na verdade, o ato da escrita possibilita elaborar, no tempo do a posteriori, algo que só ali é elaborado, que só ali é experienciado. Neste sentido, a escrita produz novas formas de apreensão do vivido. Cito Riecken: “A escrita da experiência clínica não se reduz ao relato de um acontecido, mas é, ela própria, um acontecimento, uma experiência”. Isto quer dizer que o ato de escrever é algo que surpreende aquele que escreve, como deve surpreender ao leitor, criar brechas para que ele, através da leitura do texto, possa viver um novo acontecimento.

Escrever é ter possibilidade de encaminhar as interrogações que nossa clínica nos produz e é, também, a

¹ Psicanálise e Literatura. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Ano VIII, Número 15, 1998.

possibilidade de apropriação singular de um saber. Porque quando faço a elaboração, através da minha escrita, do que a tradição produziu, não repito simplesmente o que já foi formulado. Algo de mim, da minha forma de ser está ali implicado. E isto é criatividade, ou seja, a possibilidade de construir algo que seja singular, que fale da minha forma singular de absorver o que a tradição nos transmite. Winnicott dizia que pegava umas idéias daqui, outras dali, e as transformava, ao seu próprio jeito, para depois saber o que roubou de quem. O que roubou foi imprescindível para a sua produção, porém foi necessário que o transformasse em algo seu fazendo, dessa forma, que algo novo fosse produzido. Podemos pensar, assim, que o que é singular é sempre coletivo. Como diz Kanaan², “o ato de escrever como o ato de ler sempre serão criação, a palavra nunca está morta”. E ainda, citando Clarice Lispector, “Tudo se passa exatamente na hora em que está escrito ou lido”.

Para Ogden³, o ato de escrever implica sempre um ato alteritário. Para ele, o autor, quando escreve, mantém

uma interlocução imaginária com o leitor, que é antecipado. Assim, a escrita é sempre uma abertura para a alteridade.

É nesse sentido que a TÓPICA reflete um grupo em movimento, movimento de abertura para o outro e para deixar-se transformar. E com uma riqueza ainda maior: é uma produção plural, como não poderia deixar de ser, pelas marcas identificatórias com a instituição de origem, o CPP. Nela se encontram produções que partem de Freud, de Lacan, de Winnicott, e aborda temas contemporâneos, sobre a psicanálise intra- muros e para além destes. Cabe agora, a nós leitores, nos deixarmos transformar por esta escrita e, assim, produzir um novo acontecimento.

Recife, Outubro de 2007

Maria Helena de Barros e Silva
Psicanalista do CPP e do CPPL

² Kanaan, D.AI-B. Escuta e Subjetivação: a escritura de pertencimento de Clarice Lispector. São Paulo: Casa do Psicólogo, EDUC, 2002.

³ Ogden, Thomas H. Os Sujeitos da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.